

---

## ENTOÇÃO: UM PERCURSO PELOS ESTUDOS COMPARATIVOS ENTRE O PORTUGUÊS BRASILEIRO E O ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA

### INTONATION: A PATH THROUGH COMPARATIVE STUDIES BETWEEN BRAZILIAN PORTUGUESE AND SPANISH AS A FOREIGN LANGUAGE

José Rodrigues de Mesquita Neto<sup>13</sup>  
Antonio Luciano Pontes<sup>14</sup>

---

**RESUMO:** Este trabalho tem como objetivo geral apresentar pesquisas com o foco na entoação envolvendo o português brasileiro (PB) e o espanhol como língua estrangeira (ELE). Para a realização desta pesquisa fomos impulsionados pela seguinte pergunta: de que maneira e quais padrões teóricos estão sendo trabalhados nas pesquisas sobre entoação dentro de uma perspectiva comparativa PB-ELE? Hipotetizamos que os autores partem de um mesmo sistema de notação e que se centram no sistema métrico autossegmental. Dessa maneira, trazemos uma metodologia de cunho bibliográfico. Assim, para definir o termo entoação apresentamos autores como Lucente (2012) e Pinto e Couto (2016). Já no que concernem às pesquisas comparativas focamos em Pinto (2009), Oliveira (2013), Silva (2016), Cerqueira (2017), Farias (2018), entre outros. Podemos concluir que existe uma tendência pela realização de um sistema de notação padrão, no caso, ToBI ou Sp\_ToBI. No entanto, os autores seguem teorias linguísticas e fonológicas distintas.

**Palavras-chave:** Tonema. Pitch. Entoação.

---

<sup>13</sup> Mestre em Linguística Espanhola pela Universidad San Lorenzo - Py (2016), mestre em Ciências da Linguagem pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN – Campus Central) e doutorando em Letras pela UERN (campus Pau dos Ferros). Atualmente é membro do Núcleo de estudos e pesquisa de espanhol como língua estrangeira no Brasil (NUPELE), do Grupo de Pesquisa e Estudos Aplicados em Línguas Estrangeiras (EALE), do Grupo de Pesquisa em Fonética e Fonologia (GPeFF) e do Grupo de pesquisa PROVALE - Prosódia, variação e ensino. Professor do curso de Letras/Língua Espanhola da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: [rodrigues\\_mesquita@hotmail.com](mailto:rodrigues_mesquita@hotmail.com)

<sup>14</sup> Possui doutorado em Linguística (UNESP), sob a orientação da Professora Doutora Ieda Maria Alves (USP). Membro do grupo de pesquisa cadastrado no CNPq Lexicografia, Terminologia e Ensino (LETENS). Professor Titular no curso de Letras da UERN, onde está ligado ao Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) e Mestrado Profissionalizante de Letras (PROFLETRAS). Autor de diversos livros, capítulos e artigos sobre Metalexicografia Pedagógica, Lexicografia Multimodal, Lexicografia prática. Atualmente integra a equipe do Atlas Linguístico do Brasil e do Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português. O pesquisador é vice-líder do Grupo de Pesquisa em Estudos Funcionalistas (GPEF/UERN) e líder do Grupo de Pesquisa Lexicografia, Terminologia e Ensino (LETENS/UECE), cadastrado no CNPq. E-mail: [pontes321@hotmail.com](mailto:pontes321@hotmail.com)

**ABSTRACT:** This paper has the objective to present intonational studies involving Brazilian Portuguese (BP) and Spanish as a Foreign Language (SFL). To conduct this research we were driven by the following question: in what way and what theoretical standards are being adopted in the research of intonation from a comparative perspective BP-SFL? The hypothesis is that the authors reflect the same system of notation and that it focuses on autosegmental paradigm. We therefore bring a bibliographic methodology. As for defining the intonation term we present authors such as Lucente (2012) and Pinto and Couto (2016), as concerns comparative researches, we focused in Pinto (2009), Oliveira (2013), Silva (2016), Cerqueira (2017), Farias (2018), among others. The conclusion is that there is a pattern notation system which focuses on ToBI or Sp\_ToBI standards. On the other hand, the authors follow distinct linguistic and phonological theories.

**Keywords:** Toneme. Pitch. Intonation.

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este artigo tem como objetivo geral apresentar pesquisas com o foco na entoação envolvendo o português brasileiro (PB) e o espanhol como língua estrangeira (ELE). Trazemos ainda como objetivos específicos:

- a) Descrever os padrões melódicos das entoações de frases declarativas e interrogativas;
- b) Verificar se há um padrão teórico para as pesquisas entoativas; e
- c) Encontrar possíveis lacunas para futuras pesquisas entoativas entre o PB-ELE.

Dessa maneira, fomos impulsionados pela seguinte pergunta: de que maneira e quais padrões teóricos estão sendo trabalhados nas pesquisas sobre entoação dentro de uma perspectiva comparativa PB-ELE? Hipotetizamos que os autores partem de um mesmo sistema de notação e que se centram no sistema métrico autosegmental.

Muitos são os motivos que justificam o interesse e a relevância do estudo. Inicialmente fomos estimulados pela percepção, enquanto professores em distintos níveis de aquisição do ELE que demonstravam dificuldade nos elementos que compunham a prosódia do espanhol, tais como o ritmo e a entoação. Entretanto, este último, despertou-nos um maior interesse quando notamos que a falta de domínio prejudicava diretamente a compreensão e a inteligibilidade de nossos discentes. Somado a isso, estudos apresentam que há um predomínio na preocupação da correção da pronúncia dos elementos segmentais, deixando de lado os elementos suprasegmentais. Enfatizamos que, na maioria das vezes, um fonema ou fone pode ser facilmente identificado ou compreendido pelo contexto, o mesmo dificilmente ocorrerá com a entoação.

No que concerne à justificativa teórica, apontamos que poucos são os estudos que focam na construção da entoação do espanhol por estudantes brasileiros. Alguns

trabalhos foram encontrados, tais como os de Pinto (2009), Oliveira (2013), Silva (2016) e Cerqueira (2017). Estes serão discutidos nas próximas seções.

Ainda enfatizamos que poucos são os pesquisadores que adentram no mundo fônico. Quando pensamos em trabalhos na língua portuguesa ou inglesa facilmente encontramos diversos autores, no entanto, este número diminui substancialmente quando pesquisamos sobre o espanhol, ainda mais quando pensado no espanhol como língua estrangeira. Atualmente, no estado do Rio Grande do Norte só existem três pesquisadores<sup>15</sup> que se dedicam aos estudos na área da pronúncia e/ou descrição fonética voltada ao ELE, são eles Falcão (2016), Mesquita Neto (2018) e Farias (2018).

Esta pesquisa de cunho bibliográfico estará dividida em duas seções, excetuando as considerações iniciais e finais. Na primeira, descreveremos o termo que dá nome ao artigo, para isso utilizaremos autores como Lucente (2012) e Pinto e Couto (2016). Por fim, apontamos os trabalhos comparativos entre o PB-ELE. Alguns desses trabalhos são os de Pinto (2009), Oliveira (2013), Silva (2016), Cerqueira (2017) e Farias (2018). A seguir conceituamos o termo entoação.

## 2 O QUE É A ENTOAÇÃO?

Não podemos sintetizar a pronúncia de uma língua em apenas o ato de vocalizar sons. Para Navarro (2015) ela é uma habilidade global que inclui a articulação de elementos segmentais, suprasegmentais e paralinguísticos. A entoação é um elemento suprasegmental que, resumidamente, permite a diferenciação de enunciados.

A entoação é uma subárea da prosódia que pode ser estudada através da frequência fundamental (F0), intensidade, duração e *pitch* (LUCENTE, 2012; PINTO; COUTO, 2016) que definiremos a seguir.

Começamos, pois, pelo F0, que representa o contorno melódico e é o principal parâmetro acústico a ser observado na análise da entoação, medido em *Hertz* (Hz). Sua realização depende da quantidade de vibrações que acontecem nas pregas vocais, portanto, em sons desvozeados, não há como verificá-lo. Segundo Fernández (2007) é a partir dele que conseguimos interpretar se uma oração é declarativa ou interrogativa.

No entanto, esse conceito de percepção normalmente está atrelado ao *pitch*. É através desse elemento que conseguimos perceber se o enunciado foi realizado por um tom mais grave (menor número de vibrações nas pregas vocais) ou agudo (maior número de vibrações) ou até mesmo a verificação das proeminências. Desse modo, o *pitch* está interligado ao F0 de modo que aquele é a percepção deste.

---

<sup>15</sup> Tomamos como base pesquisadores que residam e trabalhem em instituições do RN cujos trabalhos de mestrado e/ou doutorado foram relacionados com a área em questão.

Já a intensidade é uma característica física da onda sonora e é controlada por meio da pressão supraglótica de acordo com o esforço vocal realizado. Normalmente é medida em decibéis (dB). A intensidade de um som depende da amplitude do movimento vibratório (cordas vocais). Dessa maneira, quanto maior a vibração, maior será a amplitude da onda, conseqüentemente, de potência acústica.

A duração, assim como os demais elementos constituintes da entoação, tem um correlato perceptivo. Definimos como a quantidade de tempo empregada na emissão de um som, expressada em milésimos de segundos (FERNÁNDEZ, 2007). Ela ainda determina o tempo da vibração das pregas vocais. Tanto a duração quanto a intensidade têm uma relação estreita com a acentuação silábica de uma língua. Comumente, a sílaba com duração mais longa corresponde à tônica.

Para esta pesquisa, focaremos apenas na F0 e no *pitch*, pois o correlato fonético fundamental da entoação são as variações sofridas pela frequência fundamental, assim desempenhando um grande papel na percepção.

Ainda no que se refere à entoação, Quilis (2010) enfatiza que ela exerce uma função linguisticamente significativa, socialmente representativa e individualmente expressiva dentro do F0 no nível do enunciado. A diferenciação de enunciados (interrogativos, declarativos e volitivos) é uma das suas funções linguísticas primordiais.

Fernández (2007) ainda afirma que a entoação é inerentemente significativa, visto que expressa conteúdos por si mesma, já que determinada entoação pode conferir a uma oração significados diferentes. Hidalgo (2006) delimita que há quatro tipos de entoações associadas às orações: enunciativa, interrogativa, volitiva e expressiva. A primeira se caracteriza por expressar um acontecimento, a segunda é usada para fazer uma pergunta, a volitiva para transmitir um mandato, por fim, a expressiva está relacionada com a emotividade do falante.

Ainda na tentativa de definir entoação, Botins (2001) a conceitua como sendo a combinação de características tonais em grandes unidades estruturais associadas ao parâmetro acústico da frequência fundamental e suas variações distintivas no processo da fala.

A entoação pode ser vista desde parâmetros físicos (F0), psicofísicos (*pitch*) e representações categóricas distintas. Essa definição “faz com que esta possa ser vista como um componente dinâmico da fala” (LUCENTE, 2012, p. 05).

Como vimos, a entoação é um aspecto prosódico que carrega muitas funções dentro da comunicação, muitos são os autores que tentam conceitua-la. Travalia (2006) aponta três funções básicas:

- a) Significativa: orações faladas com entoações diferentes podem mudar o significado;
- b) Sistemática: cada língua conta com um número limitado de padrões entoacionais; e

c) Característica: os padrões entoacionais de determinada língua não coincidem, necessariamente, com os de outras, nem causam o mesmo efeito.

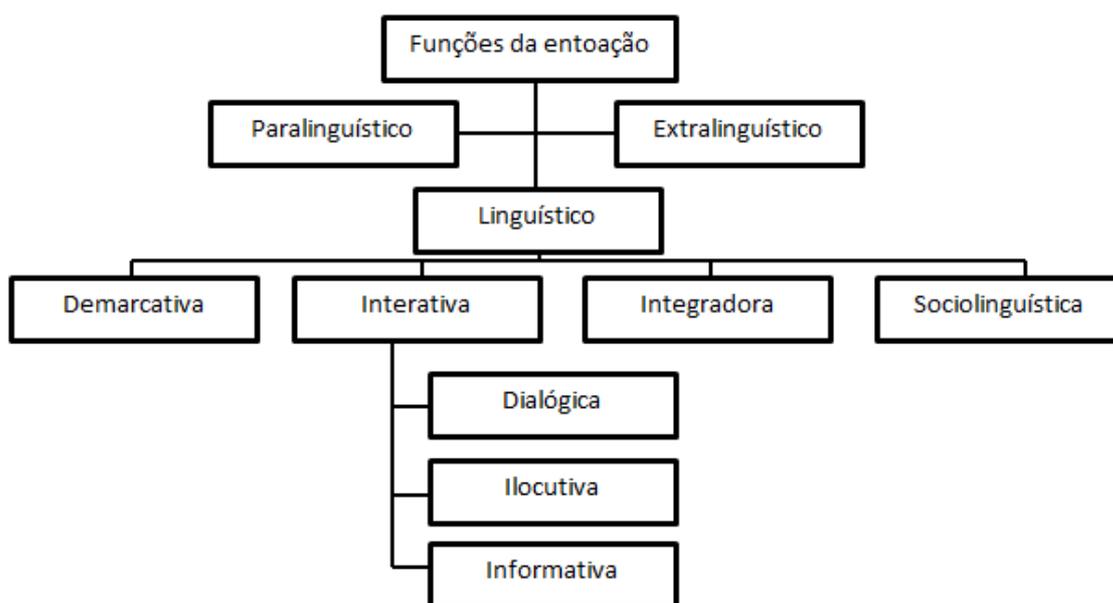
Quilis (2010) também aponta três funções principais da entoação, que coadunam com as definições anteriores. No entanto, esta é mais completa e ampla.

- a) Linguística: determina a modalidade de um enunciado, ou seja, se este é uma afirmação ou uma pergunta, por exemplo;
- b) Sociolinguística: se refere às variedades regionais e/ou às características próprias do indivíduo (faixa etária, sexo, condição social, etc.); e
- c) Expressiva: são as situações relacionadas às intenções discursivas de um falante.

Notamos que tanto as funções trazidas por Travalia (2006) quanto por Quilis (2010) apontam que a entoação não é um elemento puramente linguístico, portanto, dependerá de diversas variáveis (internas e externas à língua) para sua interpretação.

Por fim, ainda sobre as funções da entoação, Fernández (2007) menciona que ela pode ser analisada através de três grandes grupos que se complementam. Apresentamos essa divisão através da Figura 1.

**Figura 1:** Funções da entoação.



**Fonte:** Fernández (2007, p. 380).

Portanto, segundo a Figura 1, as funções se dividem em linguísticas, paralinguísticas e extralinguísticas. A primeira indica a modalidade sintática, como a diferença entre enunciados interrogativos e declarativos. Possui também uma função discursiva, tendo um papel demarcativo ou delimitador. Além disso, organiza e dá forma à estrutura informativa do discurso. Também facilita a interação comunicativa, através de pausas que indicam término ou continuação do enunciado. Ademais,

apresenta uma interpretação pragmática, pois o enunciado “O que você está fazendo?”, por exemplo, só poderá realmente ser interpretado através da entoação e do contexto. Por fim, tem função sociolinguística (características do grupo, idade, sexo, origem geográfica, etc.).

A função paralinguística, por sua vez, modifica o modo no qual se realizam os traços tonais propriamente linguísticos (qualidade da voz, tempo, intensidade, entre outros). Tem uma função emotiva.

Por fim, a função extralinguística não é controlada pelo falante, o receptor/ouvinte da mensagem extrai as informações que o emissor não pretende, necessariamente, transmitir através dos gestos, por exemplo.

Após a definição da entoação, dos elementos que a constituem e de suas funções, mostraremos os estudos do PB-ELE numa perspectiva comparativa na seção a seguir.

### 3 ESTUDOS ENTOACIONAIS NA COMPARAÇÃO DO PB-ELE

Quando pensamos em trabalhos relacionados com os aspectos fonético-fonológicos no ensino de línguas estrangeiras, muitos são os casos que analisam os aspectos segmentais. Entretanto, aqui expomos pesquisas realizadas no âmbito prosódico da entoação no comparativo entre as línguas portuguesa e espanhola. Desse modo, alguns dos trabalhos comentados são os de Pinto (2009), Pinto, Rodonini e Souza (2013), Oliveira (2013), Pinto e Couto (2016), Silva (2016), Cerqueira (2017) e Farias (2018).

Em sua tese, Pinto (2009) propõe uma análise fonético-fonológica de enunciados assertivos e interrogativos totais no estilo de fala espontânea e controlada. Dentre seus objetivos a autora avalia, através de um teste de percepção, a capacidade de o ouvinte reconhecer as modalidades com base na prosódia. O trabalho teve como *corpus* 288 enunciados divididos igualmente entre assertivos e interrogativos totais.

Os resultados apresentaram um alto grau de transferência prosódica da LM para a LE no tocante à interrogativa total, visto que o sujeito-aprendiz realiza o contorno melódico final do PB (L+H\*L%) ao se expressar em espanhol cujo contorno deveria ser ascendente. Ademais, esse acontecimento compromete a competência prosódica do aprendiz. No teste perceptivo se comprovou que as diferenças percebidas pelos nativos de Espanhol se situavam no comportamento da F0 e da duração.

Já no que tange às realizações, notou-se que, tanto nos enunciados assertivos quanto nos interrogativos totais, seja na fala espontânea ou não, o registro da F0 dos sujeitos tendia a ser mais alto no PB e no ELE do que nos casos do espanhol como

língua materna (ELM). Além disso, no tonema<sup>16</sup> dos enunciados assertivos a sílaba mais proeminente era, normalmente, a tônica nos casos do PB e ELE, porém, a postônica no ELM.

No tonema de fala espontânea nos enunciados interrogativos totais, a sílaba mais proeminente passou a ser a tônica para todos os sujeitos. No entanto, no estilo de fala controlada, a sílaba mais proeminente foi a postônica no ELM, e a tônica no PB e no ELE.

Com relação ao contorno melódico realizado pelos aprendizes de ELE, constatou-se que houve uma aproximação ao contorno realizado na LM. Assim, diferenciando-se do realizado pelos falantes do espanhol como língua materna. Dessa forma, a autora verificou que tanto no estilo de fala espontânea quanto na leitura, a realização do contorno melódico no ELM, nas modalidades assertiva e interrogativa total, foram: L\*L% e L\*H%, respectivamente. Já nos casos do PB e ELE, na modalidade assertiva, a notação foi H+L\*L% e L+H\*L% na interrogativa total, independente do estilo de fala.

Oliveira (2013), por sua vez, pretende descrever os padrões melódicos de brasileiros que falam espanhol. No entanto, diferente de Pinto (2009), não são alunos de espanhol, mas doze (12) informantes que adquiriram a língua por imersão, pois são brasileiros estudantes universitários residentes na Espanha com tempo mínimo de dois anos. A autora afirma que a descrição da entoação pode ser generalizada e realizada, já que são informantes de diferentes regiões do Brasil (3 de Recife, 1 de Juiz de Fora, 2 do Rio de Janeiro, 1 de Salvador, 1 de Porto Alegre, 2 de São Paulo, 1 de Belém e 1 de Goiânia). Entretanto, a autora esquece que o percurso de construção da interlíngua é individual. Ademais, vários fatores influenciam no percurso de aquisição/aprendizagem de uma LE e não permitem generalizações de realização da fala, visto que, a imersão, a experiência e o uso são alguns deles. Adicionado a isso, cada falar do PB possui características entoacionais próprias que permite a distinção entre eles.

A pesquisa se baseou na teoria de análise de Cantero (2002) e realiza a divisão dos contornos entoativos através de grupos por semelhança de traço melódico de inflexão final. A autora utiliza a entrevista para coletar os áudios necessários para análise. Para a verificação da transferência se verificou 511 enunciados classificados como: neutros, enfáticos, suspensos e perguntas a partir do movimento tonal de inflexão final.

A autora chegou às seguintes conclusões: a) os fenômenos analisados são frutos da transferência da entonação prelingüística da primeira língua (L1), como a ausência do primeiro pico ou a presença constante de proeminências tonais; b) o espanhol falado por brasileiros apresenta características melódicas de cortesia

<sup>16</sup> O tonema é a inflexão final de um enunciado.

estudados no espanhol; e c) existe transferência da melodia do português em interrogativas do espanhol.

Essas comparações das melodias existentes entre o português e o espanhol realizado pelos informantes são demasiadas generalizantes, pois, acreditamos que a autora peca ao não realizar uma análise descritiva dos contornos melódicos do português realizado por cada sujeito para então assim poder comparar e contrastar.

Já Pinto, Rodonini e Souza (2013) se dedicam a estudar como falantes cariocas produzem o acento tonal nuclear de enunciativos interrogativos totais neutros em dois momentos distintos, antes e depois de uma sistematização. Eles partem da hipótese que o discente após a exposição da metodologia proposta deixará de produzir o contorno entoacional equivalente à da sua LM. A sistematização se dá em quatro etapas: descrição, percepção, repetição mimética e produção oral calcada na atenção.

A análise foi pensada na realização das variedades de Castela, México, América Central e Caribe. O *corpus* foi constituído por doze enunciados envolvendo o PB como LM (fala carioca) e as variantes do espanhol supracitadas. A descrição fonética foi verificada através do F0 considerando o formato do contorno entoacional. Para a análise fonológica, o sistema de notação Métrico Autossegmental foi utilizado com marcação a partir de um tom alto (H) ou baixo (L).

Como conclusões de seus achados, no primeiro momento, no que tange ao F0, notou-se que houve uma subida da pretônica para tônica em 48 Hz seguida de uma queda da tônica para postônica de 12 Hz. Do ponto de vista fonológico, verificou-se que todos os informantes produziram o contorno entoativo em ELE com influência do falar carioca. Desse modo, encontrou-se uma subida da pretônica para a tônica, seguida de uma queda da tônica para postônica (L+<H\*L%), assim como apresenta Pinto (2009).

Porém, após a sistematização, percebeu-se que todos os informantes passaram a realizar o contorno entoativo como se esperava na variante pedida, exceto o informante responsável por realizar a variante do Caribe. O sujeito que se dedicou a treinar a variedade de Castela passou a produzir uma subida da tônica para postônica (L\*HH%) assim como o que treinou a variedade do México e América Central produzindo um contorno entoativo de acordo com o padrão do espanhol como língua materna, ou seja, uma tônica baixa seguida de uma postônica baixa com subida final (L\*LH%). No entanto, o que se dedicou à variedade do Caribe não realizou o padrão esperado nessa variedade, mantendo o padrão de sua língua materna (L+<H\*L%).

Pinto e Couto (2016) retomam as pesquisas anteriores. Dessa vez, as autoras descrevem, além dos enunciados interrogativos neutros, interrogativos totais de confirmação e imperativos declarativos de pedido produzidos por falantes cariocas com a finalidade, uma vez mais, de comparar com as variantes do espanhol do México, Caribe e Castela.

---

O processo metodológico se diferencia da pesquisa anterior, pois o número de enunciados e sujeitos são maiores. A pesquisa envolveu trinta e seis (36) enunciados. O número de informantes foi iniciado por dez, porém, como a pesquisa era de cunho longitudinal, dividida em quatro momentos, finalizou com apenas três informantes.

As etapas da pesquisa se dividiram do seguinte modo:

No primeiro momento, os informantes liam em voz alta os enunciados, sem qualquer interferência, descrição ou didatização da entoação por parte dos pesquisadores. No segundo momento, um mês depois, estes os liam a partir de nossa proposta metodológica. No terceiro momento, seis meses após essa aplicação, se repetia o processo de gravação, a fim de se verificar que não se tratava apenas de um “efeito papagaio”. No quarto e último momento, dois meses depois, não mais como leitura em voz alta, e sim como espontâneo, a partir de um “jogo da verdade”, com temas pré-estabelecidos e interação entre todos os informantes em cada rodada do jogo, foram gravados e analisados enunciados de diferentes modalidades e atitudes, a fim de se verificar se o contorno da LEA havia sido, realmente, internalizado pelos aprendizes (PINTO; COUTO, 2016, p. 183).

Assim como apresentado nos estudos anteriores, observou-se que houve diferença significativa na realização da curva entoacional dos sujeitos após a aplicabilidade da proposta metodológica, visto que, em um primeiro momento os informantes sempre transferiam elementos prosódicos da LM ao realizarem a entoação do enunciado da LE. Todavia, na etapa final, passam a implementar e a produzir, na maioria dos casos, os contornos esperados.

Silva (2016), em sua tese, tenta responder duas perguntas: 1) Quais são as características da entoação de declarativas e interrogativas do espanhol falado pelos brasileiros? e 2) A entoação do espanhol/LE assemelha-se com a entoação do espanhol, do PB, ou apresenta características próprias?

Para isso, optou-se por um experimento perceptivo com o intuito de que os ouvintes espanhóis avaliassem o grau de sotaque estrangeiro dos informantes da pesquisa, além de verificar a possibilidade de identificação do sotaque estrangeiro partindo apenas de informação prosódica. Também se realizou a gravação de três experimentos de leitura, sendo uma de frases isoladas, outra das mesmas frases inseridas em um texto e, por fim, a leitura de uma história. As variáveis controladas foram o estilo de produção – no caso dos experimentos de leitura –, a modalidade, a extensão dos enunciados analisados e a tonicidade da última palavra do enunciado. Com relação ao teste de percepção, as variáveis foram sexo, tempo de residência, instrução formal, idade de chegada à Espanha e uso da LM.

Silva (2016) analisa enunciados interrogativos e declarativos de falantes do PB dentro de um contexto de imersão. Os sujeitos residiam em Madri (Espanha), eram naturais do mesmo estado brasileiro, com mesmo grau de instrução, idades

semelhantes e aprenderam espanhol depois dos 18 anos. A autora realiza uma análise quantitativa global das curvas de F0 com o algoritmo DTW (*Dynamic Time Warping*) e utiliza o modelo PENTA (*Parallel Encoding and Target Approximation Model*) para notação das funções comunicativas.

A pesquisa ainda teve como objetivo avaliar e comparar a produção de cada informante nos diversos experimentos empregados para verificar como afetaria o grau de sotaque estrangeiro. Esperava-se, portanto, que nas produções narradas houvesse um grau de influência maior do PB. No entanto, os resultados demonstraram que o sotaque estrangeiro não foi afetado. Os resultados chegaram às seguintes conclusões: a) a entoação do espanhol/LE falado pelos brasileiros está mais próxima ao PB e apresenta poucas características próprias. Segundo Silva (2016, p. 175) “esse resultado é uma evidência de que a entoação é um dos elementos mais difíceis de se aprender em uma língua estrangeira”; b) a análise revelou que os esquemas de codificação do espanhol/LE se assemelham aos do PB e só se aproximou do espanhol na transmissão da função de proeminência em fronteiras terminais das declarativas; e c) é possível identificar o sotaque estrangeiro apenas com informação prosódica presente no F0, na duração e na intensidade global, provando, uma vez mais, o papel fundamental da prosódia na determinação do sotaque estrangeiro.

Ainda sobre os achados de Silva (2016), percebeu-se uma diferença significativa entre as variáveis analisadas e o grau de sotaque estrangeiro, apontando para uma diminuição do sotaque estrangeiro quando o tempo de residência no país era maior, o uso da LM e a idade de chegada ao país estrangeiro eram menores. No entanto, a autora aponta para um fato que diverge do esperado, pois quanto maior o tempo de instrução formal, maior o grau de sotaque estrangeiro na realização do ELE.

Esses resultados confirmaram os achados de estudos anteriores que evidenciam a grande relevância da aprendizagem naturalística da L2. O resultado, porém, que nos chamou maior atenção foi o que analisou a variável tempo de instrução formal. Verificamos que quanto maior o tempo de instrução formal, maior é o grau de sotaque estrangeiro. A autora aponta que “esse resultado torna evidente [...] a ineficiência do ensino de pronúncia de espanhol/LE no Brasil” (SILVA, 2016, p. 178). No entanto, não concordamos com a autora ao chegar a essa conclusão, pois, Fernández (2007) aponta que são inúmeros os fatores que levam à aprendizagem da pronúncia da LE.

Cerqueira (2017) trata da prosódia através da identificação de padrões melódicos em enunciados interrogativos e assertivos produzidos tanto na modalidade lida quanto espontânea, relacionando com os atos de fala, mais especificamente, a polidez. Para o desenvolvimento da pesquisa, a autora utiliza 144 enunciados lidos por quatro informantes (duas professoras brasileiras de espanhol e duas espanholas) e 270 enunciados espontâneos, coletados através de gravações das aulas dessas docentes.

Para análise dos dados, foi usado o Modelo IPO (HART; COLLIER; COHEN, 1990) e o *software* Praat. Desse modo, foi feita a descrição do *corpus*, enfatizando o comportamento da curva melódica do F0 e da duração dos enunciados. No que tange à percepção, foram realizados quatro testes, a saber:

1º) consistia na identificação do padrão melódico de perguntas e asserções proferidos de forma dirigida por informantes falantes de ELE e ELM e avaliados por juízes que estudam ou trabalham com a língua espanhola (falantes de ELE);

2º) aplicado à juízes falantes de ELE e de ELM. Neste, os juízes deveriam atribuir aos padrões escutados uma avaliação que variava entre muito educado, educado, neutro, mal educado e muito mal educado;

3º) tratava da identificação do padrão melódico de perguntas e asserções em enunciados produzidos espontaneamente em sala de aula; e

4º) os juízes deveriam identificar os enunciados como mais ou menos polidos.

Ao finalizar sua investigação, Cerqueira (2017) chega às seguintes conclusões sobre a curva melódica: na leitura de enunciados, tanto os falantes brasileiros quanto os espanhóis apresentaram comportamento semelhante, ou seja, o padrão dominante foi o ascendente-descendente para a região prenuclear e nuclear, com índices menores de realização, o padrão ascendente-descendente também emergiu na região prenuclear e ascendente na região nuclear.

Ao comparar com os contornos melódicos dos enunciados espontâneos observou-se diferença no padrão predominante, já que os sujeitos brasileiros tendiam para um padrão ascendente-descendente na região prenuclear e nuclear, enquanto que os sujeitos espanhóis apresentaram F0 ascendente na região prenuclear e nuclear. Dessa maneira, a autora finaliza afirmando que “é possível dizer que na modalidade lida os dois grupos de informantes convergem com relação à descrição de F0. O mesmo não pode ser afirmado para os dados na modalidade espontânea.” (CERQUEIRA, 2017, p. 326).

Portanto, nota-se que o padrão melódico dos docentes brasileiros e espanhóis coincide na modalidade lida, porém nos enunciados de fala espontânea, em que o controle no que está sendo produzido diminui, os padrões melódicos dos brasileiros se distanciam do apresentado pela literatura sobre o F0 do espanhol como L1.

Sobre os testes de percepção 1 e 3, os juízes tiveram uma alta taxa de reconhecimento dos enunciados produzidos nas duas modalidades analisadas. No entanto, na modalidade lida foram as perguntas que tiveram maior taxa de reconhecimento, enquanto na modalidade espontânea as asserções foram melhor identificadas. Já nos testes 2 e 4, concernentes aos testes de polidez, os falantes foram classificados com tendência para mais educado, isto é, polidos.

Diferentemente dos trabalhos apresentados nessa seção, Farias (2018) analisa o processo de ensino e aprendizagem da pronúncia de potiguares e cearenses estudantes do curso de Letras-Espanhol a partir da teoria da interlíngua (SELINKER, 1972). Ademais, a autora desenha uma proposta didática baseada nos

erros encontrados. Esta investigação não está focada na entoação, mas sim nos mais diversos problemas de pronúncia encontrados a partir de uma análise de erros dividida em 4 experimentos, sendo três de leitura (palavras, frases e pequeno texto) e uma exposição oral. No entanto, para a análise da entoação foi levado em consideração apenas os experimentos leitura de frases e exposição oral. O *corpus* foi recolhido através da gravação dos experimentos. Os informantes foram divididos em três grupos segundo o nível de aprendizagem (inicial, intermediário e avançado), sendo 8 sujeitos para cada nível.

Para determinar o erro<sup>17</sup> dos estudantes cearenses e potiguares na realização do espanhol, Farias (2018) opta pela variante peninsular. Dessa forma, os enunciados interrogativos totais deveriam apresentar uma inflexão final ascendente, já os interrogativos parciais se caracterizam por uma inflexão final descendente. Os enunciados exclamativos apresentam um descenso a partir da última sílaba tônica. Já as afirmativas manifestam uma inflexão final descendente, porém, a linha melódica sobe um tom e se mantém até a última sílaba tônica, descendendo até o final da frase.

Dentro de um panorama geral, observou-se que em todos os tipos de enunciados houve problemas com a mudança de tonema (ascendente e descendente) e que essas oscilações eram reflexo das diferenças entre tons de sílabas, visto que em espanhol os enunciados são mais regulares.

Os enunciados interrogativos foram os que apontaram mais equívocos, 9 no N1 (inicial), 20 no N2 (intermediário) e 16 no N3 (avançado). Podemos observar que os iniciantes tiveram menos problemas, no entanto, esse dado reflete o número de enunciados lidos e experimentos aplicados a este nível, já que foram menores. Farias (2018) caracteriza esses erros como preocupantes, visto que impedem a comunicação. Nas frases exclamativas detectou-se 4, 8 e 8 erros nos níveis N1, N2 e N3, respectivamente. Segundo a autora, a maioria dos falantes pronunciaram a frase *¡Qué disparate acabas de decir!* com um tonema ascendente suave e com sílabas tônicas prolongadas. Por fim, nos enunciados afirmativos, notou-se que as dificuldades dos aprendizes estão relacionadas com a pronúncia de frases longas, com dois ou mais grupos fônicos. Na próxima seção apresentamos nossas conclusões.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo surgiu da seguinte indagação: de que maneira e quais padrões teóricos estão sendo trabalhados nas pesquisas sobre entoação dentro de uma

---

<sup>17</sup> O termo é utilizado, pois é o empregado pela autora em sua pesquisa. Além disso, é termo defendido por Selinker (1972).

perspectiva comparativa PB-ELE? Hipotetizamos que os autores partem de um mesmo sistema de notação e que se centram no sistema métrico autossegmental.

Dessa maneira, desenvolvemos essa pesquisa bibliográfica com o objetivo de apresentar pesquisas entoativas envolvendo o português brasileiro (PB) e o espanhol como língua estrangeira (ELE). Adicionalmente, tivemos como objetivos específicos: a) Descrever os padrões melódicos das entoações de frases declarativas e interrogativas; b) Verificar se há um padrão teórico para as pesquisas entoativas; e c) Encontrar possíveis lacunas para futuras pesquisas entoativas entre o PB-ELE.

Ao fazermos esse percurso entre os trabalhos que comparam a entoação de falantes brasileiros ao realizarem o ELE podemos chegar a algumas conclusões:

- a) Poucos trabalhos são os que tratam sobre o elemento entoacional no que tange o PB-ELE;
- b) As pesquisas seguem perspectivas diferentes, pois, a de Pinto (2009), Pinto, Rodonini e Souza (2013) e Pinto e Rebollo Couto (2016) fazem uma análise fonético-fonológica à luz da fonologia métrica autossegmental para a descrição do contorno melódico e propõem uma abordagem didática a partir da metacognição. Oliveira (2013), por sua vez, opta por seguir a teoria de análise de Cantero (2002). Já Silva (2016) pesquisa a partir do modelo de notação PENTA. Cerqueira (2017) utiliza o modelo IPO. Por fim, Farias (2018) apresenta uma pesquisa baseada nos preceitos interlinguísticos (SELINKER, 1972), centrando-se nos erros de pronúncia dos alunos, desse modo, não focando na entoação. Assim, afirmamos que nossa hipótese foi confirmada em parte, pois os trabalhos apresentam, de modo geral, o mesmo sistema de notação, porém não seguem a teoria métrica autossegmental; e
- c) Outro ponto relevante é que podemos dividir os trabalhos em dois grupos. O primeiro analisa a realização do ELE em aprendizes em contexto formal de aprendizagem (PINTO, 2009; PINTO; RODONINI; SOUZA, 2013; PINTO; COUTO, 2016; CERQUEIRA, 2017; FARIAS, 2018), enquanto que o segundo estuda a realização dos sujeitos imersos em um país estrangeiro (OLIVEIRA, 2013; SILVA, 2016).

Finalizamos informando que este trabalho é apenas uma prévia de uma pesquisa maior. Estamos em momento de coleta de dados para uma futura análise da interfonologia entoacional de futuros professores potiguares de espanhol.

## REFERÊNCIAS

- BOTINIS, A. Intonation Special issue. **Speech Communication**, 33, 2001.
- CANTERO, F. J. **Teoría y análisis de la entonación**. Barcelona: Edicions de la Universitat de Barcelona, 2002.

CANTERO, F. J. **Teoría y análisis de la entonación**. Barcelona: Edicions de la Universitat de Barcelona, 2002.

CERQUEIRA, S. L. S. **A prosódia de perguntas e asserções em sala de aula – espanhol língua estrangeira no Brasil**. 2017. 638f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Curso de Pós-Graduação em Letras Neolatinas, Universidade federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

FALCÃO, C. A. **Produção oral em espanhol como L2 e educação a distância: diálogos e práticas possíveis**. 2016. 222f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Curso de Pós-Graduação em Estudo da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

FARIAS, M. S. **La enseñanza de la pronunciación del español a estudiantes brasileños potiguares y cearenses: diagnóstico y propuesta didáctica**. 2018. 368f. Tese (Doctorado Español: investigación avanzada en Lengua y Literatura) – Departamento de lengua española, Universidad de Salamanca, Salamanca, 2018.

LUCENTE, L. **Aspectos Dinâmicos da Fala e da Entoação no Português Brasileiro**. 2012. 204f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Curso de Pós-Graduação em Estudo da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

FERNÁNDEZ, J. **Fonética para profesores de español: de la teoría a la práctica**. Madrid: Arco/libros. 2007.

HART, J.; COLLIER, R.; COHEN, A. **A perceptual study of intonation: na experimental phonetic approach to speech melody**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

HIDALGO NAVARRO, A. **Aspectos de la entonación española: viejos y nuevos enfoques**. Madrid: Arco Libros, 2006.

MESQUITA NETO, J. R. **Interfonologia dos róticos na realização de professores de espanhol como língua estrangeira: uma visão multirepresentacional**. 2018. 144f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Curso de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, 2018.

NAVARRO, A. Enseñar la entonación en E/LE: problemas, desafíos y propuesta de soluciones. **Foro de Profesores de E/LE**, p. 171- 188, 2015.

OLIVEIRA, A. F. **Caracterización de la entonación del español hablado por brasileños**. Tese (Doutorado), Facultad de Formación del Profesorado, Universitat de Barcelona, Barcelona, 2013.

---

PINTO, M. **Transferências prosódicas do português do Brasil/LM na aprendizagem do espanhol/LE: enunciados assertivos e interrogativos totais.** Tese (Doutorado), Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, mar. 2009.

PINTO, M.; COUTO, L. Descrever, ouvir e didatizar a entoação de perguntas e ordens no espanhol do México, Caribe e de Castilha para aprendizes brasileiros. **Journal of Speech Sciences**, p. 177-200. 2016.

PINTO, M; RODONINI, R.; SOUZA, N. Enunciados Interrogativos Totais Neutros em ELE: antes e depois da sistematização no processo de ensino-aprendizagem. **Anais do Colóquio Brasileiro de Prosódia da Fala**, v2, 2013.

QUILIS, A. **Principios de fonología y fonética españolas.** Madrid: Arco Libros. 2010.

SELINKER, L. Interlengua. In: LICERAS, J. M. **La adquisición de las lenguas extranjeras.** Madrid: Visor. 1972.

SILVA, Cristiane Conceição. **Análise fonético-experimental da entoação de declarativas e interrogativas em espanhol/LE.** Tese (Doutorado), Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2016.

TRAVALLIA, C. El enfoque léxico aplicado a la enseñanza de la entonación en español. En Balmaseda Maestu, E. (ed.). Las destrezas orales en la enseñanza del español L2-LE. **Actas del XVII Congreso Internacional de la Asociación del Español como lengua extranjera (ASELE).** Logroño: Servicio de publicaciones de la Universidad de La Rioja. 2006. pp. 1021-1034.